


O USO PEDAGÓGICO DAS REDES SOCIAIS COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.387142607011>

Jocilene Silva Pereira

Clayton Gabriel Pavão Ferreira

Carolina de Jesus Silva de Almeida

INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado, as inovações tecnológicas têm cada vez mais destaque e sua utilização vem se consolidando em diversos segmentos da sociedade, entre estes, na área educacional, a qual tem se revelado enquanto prática desafiadora, no que concerne ao uso de inovações e recursos tecnológicos, enquanto desafios, considerando que na atualidade, os sujeitos vivem conectados em rede, relacionando-se entre si, em uma acepção para além das relações face a face, interagindo no espaço virtual.

Consideram-se os desafios que instigam os sujeitos que permeiam a escola, especialmente os docentes, que têm empreendido esforços, para a consecução de uma aprendizagem significativa, resignificando assim, seu fazer pedagógico, embora se conceba que nesta área, existem tantos agentes envolvidos que, por vezes, o que é inovação, para um grupo, pode não representar para outro. Alunos, professores e especialistas têm seu próprio ponto de vista sobre a educação e as transformações que ocorrem, com velocidade cada vez maior.

Embora a tecnologia esteja amplamente difundida nos diferentes campos da sociedade, sua inserção no contexto escolar ainda ocorre de maneira desigual e, muitas vezes, fragmentada. No ensino de Língua Portuguesa, essa lacuna se evidencia

quando os conteúdos e metodologias adotados em sala de aula pouco dialogam com as práticas digitais que estruturam o cotidiano comunicacional dos estudantes. Como resultado, o processo de ensino-aprendizagem tende a se distanciar das experiências sociais reais, exigindo da escola um movimento de revisão crítica de suas práticas pedagógicas.

As mudanças da sociedade causadas pela tecnologia estão visíveis, porém as que são utilizadas em sala de aula, não seguem os mesmos padrões da tecnologia usada fora dos “muros” educacionais. Na educação nota-se um atraso no planejamento e na utilização de ferramentas nas aulas o que favorece uma dissociação entre a vida escolar e a vida social em que a criança e o adolescente esta inserido.

Considerando que o ensino de Línguas, no Brasil, vem suscitando discussões e reflexões, tanto na comunidade científica, como no contexto do sistema educacional, o que se constitui um paradoxo, quando se observa que mesmo com a popularização dos artefatos tecnológicos e a comunicação em rede, a escola, muitas vezes, tem se mostrado um tanto quanto arredia, no que concerne a utilizar a linguagem e formas de comunicação no âmbito do trabalho com os conteúdos de modo geral e dos estudos de linguagem, de forma mais específica, pouco considerando que o estudante da atualidade vive dialogando por meio das redes sociais.

Ao se analisar o desempenho dos alunos, no que concerne à leitura e escrita e interpretação de textos, demonstrados por meio de indicadores como a Provinham Brasil ou o ENEM, retomam-se as discussões sobre a ausência do estabelecimento de relação com o cotidiano nas situações de ensino-aprendizagem, no tocante à Língua Portuguesa.

A realidade da escola se encontra fortemente ligada ao contexto social, isto é perceptível na Pesquisa Nacional por amostra e domicílio (PNAD) em que se constatou que o estado do Maranhão ficou abaixo da média nacional em relação à tecnologia da informação e comunicação, especificamente pela quantidade de computadores e tablets nas residências apresentando 21,1% dos maranhenses (IBGE, 2018). Ainda segundo estes dados, houve um aumento do número de maranhenses com acesso a Internet representando 8,5% comparando com 2016, entretanto, o estado ainda está na última posição em comparação com os demais no país.

As discussões sobre essas tecnologias como parte do processo de aprofundamento nas mudanças da sociedade e seus impactos educacionais ainda não tem recebido a devida atenção (UNESCO, 2010). Poucos estudos sobre a inserção das TDICs no ensino de língua portuguesa desfavorecem a construção de um panorama da realidade educacional, podendo dificultar ações de planejamento e formação docente sobre a realidade em que a escola esta inserida. Tem como objetivo analisar, à luz da literatura educacional e dos documentos normativos, as potencialidades

e os desafios do uso das redes sociais como recursos didáticos no ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

A problemática abordada neste trabalho tem como justificativa a falta de uma análise de como os professores de língua portuguesa utilizam as redes sociais, no processo de ensino e de aprendizagem, ao longo do trabalho nos anos finais do ensino fundamental.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e análise documental. A revisão bibliográfica contemplou obras, artigos científicos e estudos que discutem o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), os multiletramentos, o letramento digital e as transformações nas práticas de ensino de Língua Portuguesa no contexto da cultura digital.

A análise documental teve como foco documentos oficiais que orientam a educação básica no Brasil, com destaque para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), buscando compreender de que forma as diretrizes normativas dialogam com o uso pedagógico das tecnologias digitais e das redes sociais no ensino da linguagem.

Os dados teóricos e documentais foram analisados de forma interpretativa, permitindo a articulação entre os pressupostos teóricos e as orientações legais, com vistas à construção de uma reflexão crítica sobre o papel das redes sociais como mediadoras das práticas de linguagem no contexto escolar contemporâneo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Língua Portuguesa não se limita à função de comunicação e integração entre as pessoas. Por meio dela, o sujeito desenvolve competências cognitivas, sociais e culturais que lhe permitem transitar por diferentes áreas do conhecimento, interpretar textos que circulam nos mais diversos suportes, inclusive digitais, e compreender criticamente o mundo em que está inserido. Nesse sentido, o ensino da língua materna assume papel central na formação do estudante, especialmente em uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações e linguagens mediadas pelas tecnologias digitais.

Partindo dessa compreensão, torna-se fundamental romper com a ideia reducionista de que tecnologia se restringe aos aparelhos digitais contemporâneos. Como discute Gewehr (2016), as tecnologias acompanham a humanidade desde suas origens, sendo continuamente reinventadas conforme as necessidades sociais e culturais. Ao afirmar que “as tecnologias são tão antigas quanto a espécie

humana” (GEWEHR, 2016, p. 23), o autor amplia o conceito de tecnologia e permite compreendê-la como elemento constitutivo das práticas sociais, e não apenas como um conjunto de dispositivos eletrônicos.

Essa ampliação conceitual é essencial para compreender as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que, conforme apontam Fontana e Cordenonsi (2015), representam uma expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sobretudo em função da incorporação dos recursos digitais e da internet. As TDICs possibilitam a criação de novos ambientes virtuais de interação, dissolvendo barreiras físicas e redefinindo as formas de acesso, produção e circulação do conhecimento. Nesse contexto, como destaca Lira (2016), a sociedade contemporânea tornou-se mais autônoma, conectada e globalizada, o que impõe à escola o desafio de acompanhar transformações rápidas e contínuas, sob pena de se distanciar da realidade vivida pelos estudantes.

Autores como Coll, Mauri e Onrubia (2010) reforçam que ignorar a presença das tecnologias digitais na vida dos alunos compromete o próprio sentido da escola, uma vez que as novas gerações constroem saberes, estabelecem relações e produzem linguagem em ambientes digitais desde muito cedo. Ainda que a integração das TDICs ao ensino seja um caminho sem retorno, a literatura aponta que muitas escolas e docentes enfrentam dificuldades para incorporá-las de forma pedagógica, crítica e articulada aos conteúdos curriculares, o que evidencia a necessidade de repensar práticas e metodologias.

Nesse contexto, as redes sociais deixam de ser apenas espaços de entretenimento ou socialização informal e passam a constituir ambientes relevantes de produção de linguagem, circulação de discursos e construção de sentidos. Para o ensino de Língua Portuguesa, ignorar essas práticas significa desconsiderar gêneros discursivos que já fazem parte da experiência comunicativa dos estudantes, como postagens, comentários, vídeos curtos e narrativas multimodais.

Trazer as redes sociais para o contexto escolar, portanto, significa possibilitar um novo olhar para o ensino da língua materna, considerando elementos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, sejam eles de contextos urbanos ou rurais. A literatura sobre multiletramentos destaca que as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade envolvem múltiplas linguagens, modos semióticos e gêneros discursivos emergentes, fortemente relacionados à cultura digital (ROJO; BARBOSA, 2020; COSCARELLI; RIBEIRO, 2021). Ao incorporar esses gêneros ao cotidiano escolar, o ensino de Língua Portuguesa torna-se mais contextualizado, dinâmico e significativo, favorecendo o engajamento dos alunos.

Como assinala Rojo (2020, p. 16), “os multiletramentos dizem respeito à multiplicidade cultural das populações e à multiplicidade semiótica dos textos que

circulam na sociedade contemporânea”, o que exige da escola a incorporação de práticas que dialoguem com diferentes linguagens e suportes. Nesse sentido, o uso pedagógico das redes sociais no ensino de Língua Portuguesa não pode ser compreendido como estratégia acessória, mas como possibilidade concreta de aproximação entre as práticas escolares e as práticas sociais de linguagem vivenciadas pelos estudantes.

Nessa mesma direção, Coscarelli e Ribeiro (2021, p. 25) afirmam que “o letramento digital envolve não apenas o domínio técnico das ferramentas, mas a capacidade de ler, escrever e interagir criticamente nos ambientes digitais”. Tal compreensão reforça a necessidade de uma mediação docente qualificada, capaz de orientar o estudante para além do consumo passivo de informações, promovendo práticas autorais e reflexivas no contexto das redes sociais.

Sob a perspectiva sociointeracionista, Vygotsky (1998, p. 112) destaca que “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual”, evidenciando o papel central da interação na construção do conhecimento. As redes sociais, quando apropriadas pedagogicamente, podem ampliar esses espaços de interação, favorecendo a aprendizagem colaborativa e a produção compartilhada de sentidos.

Nessa perspectiva, a escola é chamada a refletir não apenas sobre suas práticas pedagógicas, mas também sobre sua função social. Ferreira (2018) destaca a necessidade de superação de modelos tradicionais centrados na transmissão de conteúdos, defendendo metodologias que reconheçam o professor como mediador e o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem. Entretanto, como alertam documentos oficiais, a simples inserção de recursos tecnológicos não garante, por si só, a melhoria da qualidade da educação. Conforme ressalta o Ministério da Educação, é a articulação entre tecnologia, planejamento pedagógico, objetivos educacionais e mediação docente que favorece processos de ensino-aprendizagem mais consistentes (BRASIL, 2009).

Sob a perspectiva sociointeracionista, Vygotsky (1998) enfatiza que a aprendizagem ocorre por meio da interação social e da mediação cultural, o que reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a participação ativa dos estudantes. Estudos posteriores reiteram que metodologias diversificadas, que valorizam a investigação, a argumentação e a autoria, contribuem de forma significativa para a construção do conhecimento ao longo de toda a vida escolar (DALLABONA; MENDES, 2004; SILVA; BARBOSA, 2016).

No campo específico da linguagem, o ensino deve possibilitar ao estudante a apropriação do conhecimento científico e o desenvolvimento de competências que lhe permitam atuar criticamente na sociedade contemporânea (BRASIL, 1998; BRASIL,

2018). Pino e Strack (2012) reforçam que a aprendizagem linguística não pode se restringir à memorização de regras, devendo promover a interação do aluno com os conteúdos e com diferentes práticas discursivas. Nesse sentido, as redes sociais podem constituir-se como recursos didáticos relevantes, ao favorecerem situações de leitura, escrita e produção textual alinhadas às práticas sociais reais.

Quando os estudantes têm a oportunidade de articular textos, imagens, vídeos, animações e outros recursos multimodais, amplia-se o potencial de engajamento e compreensão dos conteúdos, aproximando o ensino de uma perspectiva comunicativa e significativa (NICOLA; PANIZ, 2016). Contudo, a literatura é unânime ao afirmar que tais possibilidades só se concretizam mediante uma mediação docente qualificada. Como destaca Lorenzini (2012), é imprescindível investir na formação inicial e continuada dos professores, para que estes possam compreender não apenas o uso técnico das tecnologias, mas seus fundamentos pedagógicos, limites e potencialidades.

Assim, a efetivação das orientações presentes em documentos como a Base Nacional Comum Curricular depende diretamente de processos formativos que capacitem o professor a integrar, de forma crítica e consciente, as redes sociais e as TDICs ao ensino de Língua Portuguesa, fortalecendo práticas de linguagem que dialoguem com as demandas da sociedade digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das redes sociais como recurso didático no ensino de Língua Portuguesa representa uma oportunidade concreta de aproximar a escola da realidade comunicacional dos estudantes e de ampliar as práticas de autoria, expressão e interação. Ao reconhecer o potencial pedagógico desses ambientes digitais, o ensino da língua passa a dialogar com a diversidade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea, fortalecendo a articulação entre linguagem, tecnologia e aprendizagem. Entretanto, para que essa integração seja efetiva, é indispensável superar uma visão meramente instrumental das tecnologias.

As redes sociais não devem ser utilizadas apenas como ferramentas motivacionais, mas como espaços de produção de sentido, de construção colaborativa do conhecimento e de exercício da cidadania digital. A mediação docente, nesse processo, assume papel central, pois cabe ao professor selecionar, orientar e contextualizar o uso dessas plataformas, assegurando que elas contribuam de fato para o desenvolvimento de competências linguísticas, discursivas e críticas. A formação inicial e continuada dos professores emerge, portanto, como eixo estruturante para a efetivação dessas práticas inovadoras.

O domínio das tecnologias precisa vir acompanhado da compreensão de seus fundamentos pedagógicos, de suas potencialidades e limitações. A capacitação docente deve possibilitar que o professor atue como mediador de aprendizagens significativas, articulando o ensino de Língua Portuguesa às práticas de linguagem digital e aos gêneros discursivos emergentes, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

Além disso, a inserção das redes sociais no contexto escolar demanda políticas educacionais que promovam infraestrutura adequada, acesso equitativo às tecnologias e incentivo à inovação pedagógica. A democratização do acesso à internet e o estímulo à cultura digital crítica são condições necessárias para que a escola cumpra sua função social de inclusão e formação integral do cidadão. A relevância deste estudo está em evidenciar que o ensino de Língua Portuguesa, quando ancorado em metodologias que valorizam as interações digitais, pode contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes de seu papel comunicativo, criativo e ético nas redes.

As experiências pedagógicas que incorporam as redes sociais, de forma planejada e reflexiva, permitem ressignificar o espaço da sala de aula, transformando-a em um ambiente de produção, diálogo e autoria. Por fim, destaca-se a necessidade de novos estudos empíricos que aprofundem a análise sobre o impacto das redes sociais nas aprendizagens linguísticas, considerando diferentes contextos socioculturais e níveis de ensino. Compreender as potencialidades e os desafios dessa integração é um passo fundamental para consolidar práticas pedagógicas inovadoras e coerentes com as demandas da era digital. Assim, o ensino de Língua Portuguesa poderá consolidar-se como um espaço vivo de leitura, escrita e reflexão crítica, conectado às múltiplas linguagens que constituem o mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

COLL, César; MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, César; MONEREO, Carles (org.). Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 66–93.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Rosana Maria. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG, Blumenau*, v. 1, n. 4, p. 107–112, 2004.

FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão. Educação, cultura e práticas pedagógicas: desafios contemporâneos. São Luís: EDUFMA, 2018.

FONTANA, Fabiana F.; CORDENONSI, André Z. TDIC na educação: possibilidades e desafios. *Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre*, v. 13, n. 1, p. 1–10, 2015.

GEWEHR, Diogo. Tecnologias e educação: desafios contemporâneos. Curitiba: CRV, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 nov. 2025.

LIRA, Marília de. Educação e tecnologias digitais: novos cenários de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2016.

LORENZINI, Gislaine. Formação docente e tecnologias: desafios para ensinar na contemporaneidade. In: KENSKI, Vani Moreira (org.). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus, 2012. p. 165–180.

NICOLA, José Alexandre; PANIZ, Cláudia Aparecida. A utilização de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 360–375, 2016.

PINO, Angel; STRACK, Ricardo. Educação, linguagem e desenvolvimento humano. São Paulo: Cortez, 2012.

RICARDO, Eliana dos Santos. Redes sociais e educação: possibilidades pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2020.

SILVA, Maria Aparecida; BARBOSA, José Carlos. Metodologias ativas e ensino de Língua Portuguesa. *Revista Educação & Linguagem, São Bernardo do Campo*, v. 19, n. 2, p. 1–15, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.